

Nas Teias da Fortuna e nas Amarras do Político: Antropologia Política em Niccolò Machiavelli

IN FORTUNA'S CAPTIVITIES AND IN POLITICAL BONDAGES: NICCOLÒ MACHIAVELLI'S POLITICAL ANTHROPOLOGY

*Jean Felipe de Assis**

RESUMO

Estudam-se as formas de entendimento do humano e as decorrentes concepções políticas no corpus de Niccolò Machiavelli. O humano é apresentado nesses escritos mediante ambivalências, pois evidenciam características pessimistas e também possibilidades para a fundação da ordem, para o amor à pátria e para a realização social. Entre inimizades, traições, simulações, ingratidões e violências, o humano é compreendido em meio às devastadoras ações da Fortuna, mas também por possuir a adequada Virtù e ser capaz de força, ambição, vontade de glória e astúcia em constantes combates contra a degeneração e a corrupção. Vivendo em constantes mudanças, em paixões e em contradições, o humano deseja mais do que pode obter; das leituras de Tito Lívio e da história recente das terras itálicas, esse autor florentino constata a existência de dois Umori no tecido social que devem ser satisfeitos para a obtenção e manutenção da ordem.

PALAVRAS-CHAVE: Machiavelli; Antropologia; Fortuna; Virtù; Umori.

ABSTRACT

Different forms of conceptualizing human beings together with their respective resulting political conceptions are investigated in the corpus of Niccolò Machiavelli. Humans are depicted in these writings through ambivalent images, since they share pessimistic characteristics as well as possibilities for founding a social order, for love of the country and for personal or collective fulfillments. Among enmities, betrayals, simulations, ingratitude and violence, humans are perceived in the midst of the devastating actions of Fortuna, but also for possessing the proper Virtù, i.e., being capable of strength, ambition, will to glory and political calculation in constant combats against social degenerations and corruptions. Living in constant transformations, in several passions and throughout existential contradictions, humans desire more than they can obtain; from the readings of Titus Livius and the recent history of the Italic lands, this Florentine author argues about the existence of two Umori in society that must be satisfied for obtaining and maintaining order.

KEYWORDS: Machiavelli; Anthropology; Fortuna; Virtù; Umori.

* Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. jeanfelipeassis@gmail.com

Bastante conhecido é o dito *fundamento naturalístico* ou *realístico* do pensamento de Machiavelli sobre o humano¹. Destacam-se, sob essas terminologias dúbias, as contraposições imediatas encontradas na obra do florentino com o pensamento antigo clássico e as decorrentes premissas teológicas medievais: enfaticamente as obras platônicas, aristotélicas, agostinianas, aquinianas e dantescas². A famosa expressão “*realità effettuale della cosa*” ecoa uma distinção entre concepções idealizadas intelectualmente e as vivenciadas historicamente. Essa diferenciação é vista nas formas de entendimento do humano, mas também em suas respectivas distinções entre as formas de regime político³. Consequentemente, os

1 Destacam-se as bases de um entendimento imanente das coisas humanas e de suas ações no mundo, as quais estão em associação com as ordenações celestes ou ainda além da compreensão racional. Nesse sentido, os desejos humanos pela ordenação civil e pela sua manutenção estão enraizados em humores que devem ser satisfeitos de acordo com as condições sociais em que a coletividade humana esteja situada (GERMINO, 1971, pp. 35-60; PAREL, 1995, pp. 363-390; YORAN, 2010, pp. 247-282; HÖRNQVIST, 2004, pp. 38-75; PANTELIMON e MANU, 2010, pp. 172-184).

2 Opõe-se a uma tendência racional em que a unidade seja obtida por uma condição idealizada, visto que as paixões perturbam a ordem (MÉNISSIER, 2002, p. 43). Inúmeras são as maneiras de entender o desenvolvimento intelectual destacado e variadas as formas pelas quais o *pensamento contemplativo antigo* é percebido ao longo do tempo, sobretudo diante de sua contraposição em uma via ativa na Renascença (BIGNOTTO, 1991, pp. 9-56; SKINNER, 2004, pp. 118-159). A releitura da antiguidade clássica, promovida pelas diversas correntes associadas ao Renascimento italiano, possui variadas recepções no período do *humanismo cívico*. A reconsideração do humano, sem uma perspectiva teleológica racional e ordenada, possibilita a Machiavelli discutir novos métodos de entendimento político, especialmente devido a um humano com desejos indeterminados e insaciáveis (YORAN, 2010, pp. 247-282).

3 As inter-relações entre as características humanas e civis propiciam aos escritos de Machiavelli uma característica pedagógica única a partir da qual uma investigação a respeito dos exemplos históricos de efetivação da *Virtù* fornecem modelos retóricos utilizados na efetivação da glória humana nas diversas formas de implementar uma *civiltà* (GERMINO, 1971, pp. 35-60; ZUCKERT, 2010, pp. 577-603; PRICE, 1977, pp. 588-631).

meios de obtenção da ordem e da resolução dos conflitos sociais também podem ser observados de maneira díspar: busca-se a unidade social, em suas múltiplas formas de ordenação, mediante conflitos sociais (*tumulti*) que propiciem a criação e a renovação da ordem⁴. Conforme visto ao longo de sua produção discursiva, historiográfica e literária, Machiavelli busca descrever os comportamentos dos humanos, caracterizando suas ações em contextos específicos, sem uma prerrogativa ou prescrição de como esses deveriam ser ou deveriam se portar.

O humano, portanto, é visto e apresentado no *corpus* de Machiavelli com uma carga ambivalente, possuindo características *pessimistas* e também enfatizando suas potencialidades para a fundação da ordem, para o amor à pátria e para a realização social⁵. De fato, Machiavelli insiste que os humanos sejam voláteis de acordo com seus interesses⁶; ambiciosos a ponto de serem inimigos de seus benfeitores⁷; ingratos, simulados e dissimuladores, covardes e violentos⁸; maus e aptos a usarem a maldade

4 D. I.4-6; III.1; IF III.1; DRSF XIV-XVII; XXVII.

5 Os desejos e as ambições humanas também nutrem a busca por glória: a Virtù deve ser utilizada na superação da Fortuna, da corrupção dos regimes e da desorganização civil (BENNER, 2009, pp. 201-212).

6 P. III: “*li uomini mutano volentieri signore, credendo migliorare; e questa credenza gli fa pigliare l’arme contro a quello; di che s’ingannano, perché veggono poi per esperienza avere peggiorato*”.

7 P.IX: “*o fanno questo per pusillanimità e defetto naturale d’animo: allora tu ti debbi servire di quelli massime che sono di buono consiglio, perché nelle prosperità te ne onori, e nelle avversità non hai da temerne. Ma, quando non si obbligano ad arte e per cagione ambiziosa, è segno come pensano più a sé che a te; e da quelli si debbe el principe guardare, e temerli come se fussino scoperti inimici, perché sempre, nelle avversità, aiuteranno ruinarlo*”.

8 P. XVII: “*Perché delli uomini si può dire questo generalmente: che sieno ingrati, volubili, simulatori e dissimuladori, fuggitori de’ pericoli, cupidi di guadagno; e mentre*

quando possuírem a ocasião⁹; mais propensos ao mal que ao bem, dando espaço para suas ambições desmedidas¹⁰; movidos pelas aparências e não pelo que as coisas sejam¹¹. Diante de tantos exemplos passíveis de serem enunciados, a imprescindível e devastadora ação da Fortuna também deve ser considerada. Contudo, o autor corrobora com uma compreensão mais positiva, mediante um humano de *Virtù*, o qual deve possuir e saber usar *força, ambição, vontade de glória e astúcia* em constantes combates contra a degeneração e a corrupção da ordem civil¹². Consta-se, desse modo, ao longo de seu *corpus*, a degradação das potencialidades humanas, a qual, a exemplo das desorganizações civis, deve ser combatida e reestabelecida.

Sustenta-se a premissa que o humano possua as mesmas características desde a antiguidade¹³, corroborando a necessidade de investigar

fai loro bene, sono tutti tua, offeronti el sangue, la roba, la vita e' figliuoli, come di sopra dissi, quando il bisogno è discosto; ma, quando ti si appressa, e' si rivoltano".

9 D.I.3. Ao pensar o viver civil, deve-se: "*presupporre tutti gli uomini rei, e che li abbiano sempre a usare la malignità dello animo loro, qualunque volta ne abbiano libera occasione*".

10 D. I. 9. Defende-se o estabelecimento de uma ordem civil e um combate às facções: "*perché, sendo gli uomini più proni al male che al bene, potrebbe il suo successore usare ambiziosamente quello che virtuosamente da lui fusse stato usato*".

11 D. I. 25. Ao tratar da reforma de um estado, assegura que ao menos as imagens das coisas antigas devam ser mantidas, "*perché lo universale degli uomini si pascono così di quel che pare come di quello che è: anzi, molte volte si muovono più per le cose che paiono che per quelle che sono*".

12 Há nos escritos de Machiavelli, portanto, descrições e avaliações do humano ao longo da história, ressaltando a existência daqueles de rara excelência, nos quais a *Virtù* possibilita o uso da força e da simulação quando a ocasião é propícia. Dante Germino, por exemplo, observa a *psyche* comum, a *psyche* heroica e a arte da dissimulação como características inerentes ao pensamento político-antropológico de Machiavelli (GERMINO, 1971, pp. 35-60).

13 Ao pressupor que não haja mudança significativa entre os antigos e os contemporâneos, as boas ações daqueles devem ser imitadas. D. *proem*. "*Donde nasce che infiniti che le*

seu comportamento para a constituição de uma teoria política. Tal constatação não pressupõe uma concepção uniforme, estática e invariável¹⁴, mas salienta as características comuns ao gênero humano em sociedade¹⁵.

leggono, pigliono piacere di udire quella varietà degli accidenti che in esse si contengono, senza pensare altrimenti di imitarle, iudicando la imitazione non solo difficile ma impossibile; come se il cielo, il sole, li elementi, li uomini, fussino variati di moto, di ordine e di potenza, da quello che gli erono”.

14 *Lettera a Piero de Soderini* XLI. Além da variedade da natureza e, portanto, das avaliações humanas a respeito da natureza, as concepções historiográficas de Machiavelli pressupõem uma constante vigilância a respeito da *Ocasião* para a adaptação adequada aos modos de ordenação civil e às possibilidades de atualização do humano. Em carta a Pierro Soderini, constata que as diversidades do humano, seus engenhos e fantasias, propiciam a pluralidade de seus modos de governo. Todavia, busca-se sempre fins similares, pois os humanos possuem sempre os mesmos desejos. “*Credo che come la natura ha fatto all’uomo diverso volto, così gli abbia fatto diverso ingegno e diversa fantasia. Da questo nasce che ciascuno secondo l’ingegno e fantasia sua si governa. Eperchè dall’altro canto i tempi son vari e gli ordini delle cose sono diversi, a colui succedono ad votum i suoi desiderii, e quello è felice che riscontra il modo dei procedere suo col tempo, e quello, per opposito, è infelice che si diversifica con le sue azioni dal tempo e dali’ordine delle cose. Donde può molto bene essere che due diversamente operando abbiano un medesimo fine, perchè ciascuno di loro può conformarsi col riscontro suo, perchè sono tanti ordini di cose, quante sono provincie e stati. Ma perchè i tempi e le cose universalmente e particolarmente si mutano spesso, e gli uomini no a mutano le loro fantasie, nè i loro modi di procedere, accade che uno ha un tempo buona fortuna, ed un tempo trista”*

15 *Lettera a Piero de Soderini* XLI . Destacam-se os pressupostos históricos utilizados ao longo de seu corpus, em que os exemplos sejam vistos como espelhos a guiar as ações humanas presentes. Ao analisar os tempos e suas condições, as ações necessárias são desveladas e devem ser imitadas. “*Questo cagioni infra le altre apersero Italia ad Annibale, e Spagna a Scipione, e così ognuno riscontrò il tempo e le cose secondo l’ordine del procedere suo*”. Destaca a variedade de formas a serem usadas, a exemplo do uso bestial ou astucioso de um Príncipe. “*Sendo adunque, uno principe necessitato sapere bene usare la bestia, debbe di quelle pigliare la golpe e il liono; perchè il liono non si difende da’ lacci, la golpe non si difende da’ lupi. Bisogna, adunque, essere golpe a conoscere e’ lacci, e liono a sbigottire e’ lupi.*”. P XVIII. Ou ainda, discutindo os mesmos personagens da carta, Aníbal e Cipião, destaca os momentos adequados para instaurar amor ou ódio com fins a uma ordenação civil. “*Oltre a questo, gli uomini sono spinti da due cose principali; o dallo amore, o dal timore: talché, così gli comanda chi si fa amare, come lui che si fa temere; anzi, il più delle volte è più seguito e più ubbidito chi si fa temere che chi si fa amare*”. D III. 21.

Em um mundo de incessantes mudanças, o humano é descrito em suas paixões e contradições, especialmente ao desejar mais do que possa obter: não apenas pela necessidade, mas também pela ambição, resultando em insatisfações¹⁶.

As teorias antigas sobre os *Humores humanos*, e.g., Hipócrates e Galeno, forneciam uma taxonomia das ações humanas e, consequentemente, classificações de acordo com o comportamento ou o temperamento predominante nos indivíduos: *sanguíneo, colérico, melancólico e flemático*¹⁷. Machiavelli, entretanto, discursa sobre *dois humores* no tecido social, dos patrícios poderosos (*le grandi*) e da plebe (*generalità*). Constata, em suas leituras da obra de Tito Lívio e da História das terras itálicas, que esses dois estratos da população estão em constantes conflitos e, para o melhor andamento de um regime político, esses *Umori* devem ser satisfeitos¹⁸. Não há, portanto, uma natureza intrínseca a todo ser humano que deva ser alcançada, mas desejos e ambições que anseiam consumação para a satisfação pessoal e, consequentemente, para a realização social em uma *civilità*.

16 D.I. 37. “*Perché, qualunque volta è tolto agli uomini il combattere per necessità, combattono per ambizione; la quale è tanto potente ne’ petti umani, che mai, a qualunque grado si salgano, gli abbandona. La cagione è, perché la natura ha creati gli uomini in modo che possono desiderare ogni cosa, e non possono conseguire ogni cosa: talché, essendo sempre maggiore il desiderio che la potenza dello acquistare, ne risulta la mala contentezza di quello che si possiede, e la poca sodisfazione d’esso.*”

17 As discussões em torno da natureza humana, em suas variadas formas de expressão, integram características físicas e morais aos modos de interpretação comportamental. Dessa maneira, há predominância de um humor específico a contextos sociais, a desenvolvimento biológico dos indivíduos, a estações do ano e a inúmeros outros fatores (JOUANNA, 2012, pp. 335-359).

18 P. IX; XIX; D. I.4; II. 37; III.9; IF III.1, 21; VII. 19. DRSF XXIII-XXIV.

O mundo no qual o humano está inserido, o cosmo de Machiavelli¹⁹, é uma constante batalha para a obtenção da glória²⁰, assim também satisfações pessoais e coletivas, as quais no âmbito político são louváveis pela criação de uma ordem social que preserve a liberdade²¹. Os *Umori* são condições políticas específicas e contextualizadas nos perenes *tumulti* que sustentam o tecido social, sobretudo uma República que deseja alcançar a sua máxima potencialidade²². Esses são usados para expressar desejos políticos coletivos das parcelas da população, distinguindo os *tumulti* que sustentam o *stato* e a *civiltà* às criações de facções e de desuniões civis. Desse modo, a busca por glória e por realização das satisfações humanas exige, no desenvolvimento argumentativo do secretário florentino, con-

19 Sem qualquer necessidade de associar causas primordiais às ações humanas e aos movimentos celestes, pensa-se as permanentes mudanças e os meios pelos quais o humano busca atualizar-se no mundo. Anthony Parel, ao contrário, discursa sobre as concepções cosmológicas e antropológicas de Machiavelli, inclusive, inferindo condições físicas e naturais ao autor florentino – debate, assim, as convergências e divergências entre o pensamento de Machiavelli e suas apropriações na Modernidade europeia (PAREL, 1992, pp. 6-8; pp. 153-161).

20 Essas realizações e satisfações são vistas em níveis pessoais e coletivos, relacionando-se com as concepções de fama, honra, louvor, estima e reputação. A ordenação civil é vista como a maior glória possível de ser alcançada, alertando aos humanos para não se iludirem com o sucesso alcançado por governos tirânicos. As ações militares e políticas podem ser vistas em paralelo, pois exigem Virtù e diferentes meios de obtenção de suas ordenações e, portanto, satisfação e glória PRICE, 1977, pp. 588-631).

21 D I 9-10; DRSF XVI-XXVII; P. XXVI. As famosas passagens nos *Discorsi* ao comparar a honra dos fundadores de uma *civiltà* aos iniciadores dos cultos religiosos são também revistas na exortação para a ordenação das terras itálicas ao final de *Il Principe* e no discurso para a ordenação da cidade de Florença.

22 D I. 4-5. A famosa tese de Machiavelli na qual os *tumulti* fortalecem os regimes políticos, pois propiciam a ocasião para a satisfação dos humores e, assim, permitem maior estabilidade e os melhores meios para a defesa da *libertà*. Distingue-se, portanto, daqueles que desejam uma concórdia harmônica e racional devido a uma concepção contemplativa do Bem.

frontos radicais entre a Fortuna e a *Virtù* dos humanos, os quais demandam prudência, astúcia, força e virilidade. Os conflitos, pessoais e sociais²³, não são desvios que devam ser combatidos com todas as energias, mas são as condições da preservação dos interesses de todos. São, desse modo, situações humanas e sociais inevitáveis. Os discursos políticos, portanto, corroboram não uma ordem, cósmica e social, imutável; pelo contrário, no âmbito das coisas humanas, apresentam-se contínuas constituições, ecoando múltiplas formas assumidas pelo humanismo cívico²⁴.

Ao atentar para o desenvolvimento discursivo de Machiavelli em suas obras teóricas e em algumas de suas cartas pessoais, constatam-se constantes tensões entre as possibilidades e os limites da condição humana. De fato, ao explorar o dinamismo da díade *Virtù-Fortuna* nas ações dos governantes e da população civil²⁵, a adaptação às mudanças dos *tem-*

23 Há uma relação entre os conflitos pessoais e civis, pois ambos se nutrem em um constante desejo por satisfação, perpassando um sentido de glória política. Ao situar-se em um mundo político deteriorado, A *Virtù* auxilia nos meios de obtenção e de manutenção do poder, mediante a utilização de astúcia, força, reputação e aparência. Constatam-se tais evidência na obra de Machiavelli não apenas em suas premissas educativas para um príncipe específico, conforme Diego Vacano em sua comparação com o pensamento de Nietzsche, mas também nas constituições das ordenações civis, independente das formas de regime (von VACANO, 2007, pp. 64–81).

24 Ao discutir a célebre obra de Hans Baron sobre as crises na renascença italiana, a autora pondera a respeito das distintas expressões do pensamento político nesse período, analisando algumas relações com as características modernas posteriores, especialmente os modos de apreensão das noções de liberdade e de ideologia. Destacam-se, todavia, a possibilidade de um cosmo político aberto, afeito às ações humanas em suas formações (YORAN, 2007, pp. 326-344).

25 De fato, ao longo de todo o corpus de Machiavelli, as relações entre Fortuna e *Virtù* descrevem a condição humana, as possibilidades de uma organização civil e também as deteriorações das ordenações estabelecidas. Nesse sentido, o valor pedagógico e de utilidade proposto pelo autor são significativos.

pos e das *ordens* fornece uma miríade de imagens sobre o humano. Em uma paráfrase ao pensador florentino, deve-se imitar a natureza, a qual é múltipla, sem receio de repreensões²⁶. Os humanos, portanto, são passíveis de *glória* e de sucessos em seus combates contra a *corrupção*²⁷, a *desordem*²⁸ e a *Fortuna*; todavia, não é possível olvidar o desejo humano, *muito natural e ordinário de aquisição*²⁹, somado às ambições de manterem seus benefícios pessoais e o status obtidos, mesmo às custas da ordem pública e da traição de seus benfeitores³⁰. Opta-se, portanto, por uma *via média* a considerar as potências humanas e também suas deficiências³¹.

26 *Lettera a Francesco Vetorri XL. 31 janeiro 1514*. Ao descrever a diversidade de temas, perspectivas e modos de escrita, Machiavelli atesta que o humano possui em si a mesma pluralidade percebida na natureza: “*noi imitiamo la natura, che è varia; e chi imita quella non può esser ripreso*”

27 Combates esses contínuos, desde a fundação da ordem e também nos contínuos meios de sua manutenção (BIGNOTTO, 1991, pp. 163-170).

28 A *questão Maquiavélica*, estudada na diversidade de regimes políticos necessários para a instauração e para a manutenção das ordens civis, soma-se aos modos de percepção do desenvolvimento histórico em uma guerra declarada contra as variadas formas de desorganização civil (ZUCKERT, 2017, pp. 1-10).

29 P. III “*È cosa veramente molto naturale et ordinaria desiderare di acquistare; e sempre, quando li uomini lo fanno che possano, saranno laudati, o non biasimati; ma, quando non possono, e vogliono farlo in ogni modo, qui è l'errore et il biasimo*”. O desejo humano, natural e desejável, apenas é motivo de censura quando deseja obter aquilo que lhe é impossível. Em muitos casos, tais atitudes propiciam divisões e facções, promovendo a desordem pública. Em contrapartida, as ordenações civis, maior glória humana, também estão enraizadas no desejo humano.

30 Famosa é a assertiva de Machiavelli de que os humanos estão mais preocupados com seus bens do que a morte de um pai. “*ma, sopra tutto, astenersi dalla roba d'altri; perché li uomini sdimenticano più presto la morte del padre che la perdita del patrimonio*”. P. XVII.

31 As condições naturais e sociais possibilitam, não apenas limitam, as ações dos humanos (BENNER, 2009, pp. 186-187). Ao mesmo tempo em que constata maldade e horror nas ações humanas, Machiavelli assevera a fragilidade, a generosidade e amor à pátria que resultam em criações grandiosas de acordo com a *Virtù*. Nas palavras de Viroli: “*Sotto la guida dei suoi maestri antichi e moderni, Niccolò si formò una concezione della vita tutta*

Embora bastante comum, as interpretações dos textos de Machiavelli que salientam as debilidades, as fraquezas e as maldades como características intrínsecas observadas no agir humano³², tendem a desconsiderar a responsabilidade civil e racional dos cidadãos ou ainda a *virtuosidade* de pessoas extraordinárias em face à impetuosidade dos acontecimentos³³.

Devido a uma *agressividade ambiciosa*, alguns associam a Machiavelli uma concepção totalmente egoísta do humano, que apenas funda um governo por sua debilidade e incapacidade de sobreviver a constantes ameaças e agressões, limitado em seus desejos pelas condições naturais— concepções próximas de Hobbes e outras propostas contratuais modernas³⁴. Por outro lado, a *Virtù* concede ao humano os instrumentos

sua, fatta di generosità e di amore per le grandi cose, di passioni intense, di rispetto per la fragilità della vita, di ammirazione per la bellezza, nutrita tuttavia di un senso profondo della durezza della vita e della malignità degli uomini” (VIROLI, , 2013, pp. 24-25).

32 O radical pessimismo atribuído por Maritain deve ser superado com veemência, inclusive, em leituras que corroboram os acordos e as negociações diplomáticas como bases de sustentação da *Virtù* humana desejada (BERRIDGE, 2001, pp. 539-556; MARITAIN, 1942, pp. 1-33).

33 Christopher Holman considera que as visões antropológicas de Machiavelli possibilitam à articulação de múltiplas formas de pensar, de ser e de agir em suas bases anti-essencialistas, associando-as diretamente às formas de governo republicano – assumidas como preferenciais ao autor florentino (HOLMAN, 2016, pp.769-790). Corroborando tais constatações, Erica Benner argumenta que saber utilizar a razão é uma das condições para o viver humano e o agir civil com dignidade. Não obstante exista uma crítica aos usos, e decorrentes abusos, da racionalidade, sobretudo diante da ideia de necessidade, a responsabilidade humana e suas ações carecem de ambição, disciplina e prática na busca do bem comum (BENNER, 2009, pp. 136-150; pp. 170-197; pp. 206-209). Assim, as formas de entendimento das condições humanas, e dos meios de realização de seus desejos, situam-se na interseção necessária para o estabelecimento das premissas políticas e do entendimento antropológico (WYDRA, 2000, pp. 36-57).

34 George Sabine pondera que na obra de Machiavelli podem ser vistas esperanças de paz e de unidade, infere até mesmo para uma anacrônica ideia de Itália ou de uma nação. Todavia, vê na figura do príncipe uma encarnação do egoísmo humano (SABINE, 2009, pp.

necessários na superação da Fortuna e de suas fraquezas, devendo ser cultivada em todos os instantes³⁵. Uma necessidade superior pode suprimir as deformações causadas pelas ambições humanas desmedidas, enquanto as ambições adequadas compõem as bases de sustentação das condições em que os humanos vivem e almejam a realização de seus desejos³⁶. Em sua busca por *glória*, um ordenador das coisas humanas utiliza-se das concepções de Deus, de natureza, de Fortuna para impor tais necessidades intelectuais às causas públicas, não culpando as adversidades pelas limitações do humano, mas potencializando-as na criação das ordenações civis³⁷.

Destacam-se, nesse contexto das discussões a respeito das ações humanas, as menções de Machiavelli ao *libero arbitrio*³⁸, ao arbítrio cole-

274-280). Salienta-se, contudo, as raízes dessa interpretação na exposição de Machiavelli sobre os modos pelos quais os humanos se congregaram e elegeram seus líderes. D I.2.

35 O estudioso brasileiro, em diálogo com suas interpretações dos comentários de Leo Strauss, defende como as posições de Machiavelli alargam os horizontes políticos do humano e não o relegam à barbárie da indiferença. Tais divergências enraízem-se nos modos de entendimento do mundo antigo e também nas concepções do humano (HEBECHE, 1988, pp. 62-65).

36 Diante da impossibilidade de esperar um bem do humano, especialmente devido às constantes provas de maldade dada em variadas circunstâncias, o mal assemelha-se à própria natureza humana. Todavia, esse pode ser aniquilada por ordens impostas superiores (MOSSINI, 1962, p. 70; p. 165; p. 183; p. 270).

37 O humano, sob a necessidade das leis criadas e diante dos conflitos civis inevitáveis, fortalece as condições para sua satisfação pessoal e para a *libertà* civil (MANSFIELD, 1992, pp. 30-32).

38 Conceito amplamente discutido nas tradições cristãs, desde as famosas propostas de Santo Agostinho, articulando elementos soteriológicos, escatológicos e éticos. A proposta patrística, capacidade humana de escolher na articulação entre vontade e razão, é bastante debatida, devido as condições de entendimento da graça e do mal, enraizadas na vontade, livre em sua escolha, mas também relacionada à ordenação cosmológica do mundo (GILSON, 1949, pp. 185-245; HARRISON, 2006, pp. 17-27). Os movimentos religiosos contemporâneos a Machiavelli, i.e., as correntes reformistas, são exemplos significativos das recepções desse conceito. Destacam-se as controvérsias entre Erasmo e Lutero, nas quais

tivo no estabelecimento das ordens públicas e ao *vivere libero*. A tese proposta de uma facilidade maior para um indivíduo pleno de *Virtù* ordenar as instituições civis e a necessidade de manutenção coletiva da *civilità* são destacadas ao longo do corpus de nosso autor³⁹, ressaltando qualidades humanas para a satisfação de desejos, paixões, apetites e humores.

Menciona o *libero arbitrio* diretamente em três passagens de *Il Principe*: os modos pelos quais os príncipes devem buscar conselhos ao fugir de adutores; a potência da Fortuna nas coisas humanas e como a combater; a exortação para liderar as cidades itálicas. No primeiro caso, as boas escolhas dos líderes estão associadas aos seus conselheiros; esses devem falar livremente para que, em meio a deliberações, o príncipe possua uma prudentíssima e boa opção de ação⁴⁰. No segundo caso, opõe-se àqueles que consideram que as coisas do mundo são governadas pela Fortuna ou por Deus, por crer que os homens, com sua prudência e *Virtù*,

o primeiro realça as potencialidades humanas para atualizar a graça divina; enquanto o segundo defende que os meios de justificação estão enraizados somente na soberania divina, visto que o humano se encontra em uma situação de plena corrupção (WITTE Jr, 2003, pp. 727-762; NESTINGEN, 2005, pp. 1-22). Detalhes teológicos bastante conhecidos e com inúmeras nuances, impossíveis de serem revisitadas rapidamente. Todavia, espelham significativas tradições intelectuais nas quais a vontade humana, em suas realizações históricas, pode ser estudada em paralelo com as propostas de Machiavelli a respeito da *Virtù*. 39 P.V-VII; D.I.9-15; DRSF; DRSF XIV-XVII; XXVII

40 P. XXIII. Ao cerca-se de homens sábios, o príncipe deve evitar àqueles que o adulam e preferir ouvir a verdade para agir, ao seu modo, após deliberada consideração. Nesse sentido, o livre arbítrio destacado nessa passagem não se refere às condições humanas de decisão, mas à possibilidade de aconselhar livremente ao Príncipe, uma metonímia para os arbitrios civis destacados em outras passagens, e.g., IF II.39; III.5; IV.9; I.2; II.33; III.31. “*Per tanto uno principe prudente debbe tenere uno terzo modo, eleggendo nel suo stato uomini savi, e solo a quelli debbe dare libero arbitrio a parlarli la verità, e di quelle cose sole che lui domanda, e non d’altro; ma debbe domandarli d’ogni cosa, e le opinioni loro udire*”.

sejam capazes de modificar os acontecimentos⁴¹. Desse modo, ao ponderar sobre a existência do *livre arbitrio*, o autor não credita apenas à Fortuna os resultados dos acontecimentos, mas também às ações humanas⁴². Por fim, ao descrever a Ocasão propícia para um príncipe unificar as terras itálicas⁴³, o autor destaca que Deus, apesar dos claros sinais dados, não deseja fazer todas as coisas para não tolher o *livre arbitrio* e a glória humana⁴⁴.

41 P. XXV. Nessa famosa passagem, Machiavelli compara a Fortuna às ações de um rio e a associa a uma mulher. Nessas imagens, o humano deve ser proativo, atuando com sagacidade e rigor, para estar preparado às mudanças e caprichos da Fortuna. Embora confesse que tenha tido uma inclinação ao governo pleno da Fortuna, Machiavelli insiste na possibilidade humana de agir perante as mudanças dos acontecimentos, mesmo quando esses estejam além da plena compreensão ou dos esforços. “*E’ non mi è incognito come molti hanno avuto et hanno opinione che le cose del mondo sieno in modo governate dalla fortuna e da Dio, che li uomini con la prudenzia loro non possono correggerle, anzi non vi abbino remedio alcuno; e per questo, potrebbono iudicare che non fussi da insudare molto nelle cose, ma lasciarsi governare alla sorte. Questa opinione è suta più creduta ne’ nostri tempi, per la variazione grande delle cose che si sono viste e veggonsi ogni dì, fuora d’ogni umana coniettura*”.

42 P. XXV. Note-se que a Fortuna é vista como uma condição pela qual a Ocasão é proposta para os humanos. Desse modo, embora governe parcialmente os acontecimentos, a Fortuna permite aos humanos arbitrar sobre os mesmos. “*Non di manco, perché el nostro libero arbitrio non sia spento, iudico potere essere vero che la fortuna sia arbitra della metà delle azioni nostre, ma che etiam lei ne lasci governare l’altra metà, o presso, a noi*”. Ignorando as precisas proporções das medidas das ações humanas e da Fortuna, evidencia-se a interação entre a vontade humana de agir, subsidiada pela *Virtù*, diante das possíveis mudanças.

43 P. XXVI. Passagens belíssimas em que Machiavelli reúne os exemplos de humanos de *Virtù* tratados ao longo de sua argumentação, expondo as condições adversas nas quais esses estavam inseridos. Desse modo, apesar de apenas algumas breves intenções terem sido frustradas, o autor argumenta que as cidades itálicas desejam superar a situação lastimável em que se encontram: “*sanza capo, sanza ordine; battuta, spogliata, lacera, corsa, et avessi sopportato d’ogni sorte ruina*”.

44 P. XXVI. Ao associar as descrições bíblicas do êxodo ao seu tempo, Machiavelli encoraja o destinatário de seus conselhos à ação, mesmo diante de todas as dificuldades. Os sinais são claros, requer que a ambição humana por glória seja satisfeita pelo livre uso de sua vontade. “*El rimanente dovete fare voi. Dio non vuole fare ogni cosa, per non ci tòrre*

Observa-se, portanto, que na exposição argumentativa de *Il Principe*, o *libero arbitrio* é uma condição necessária para a satisfação da *glória* humana, passível de ser obtida por ações plenas de *Virtù* na instauração de uma ordem que se oponha aos acontecimentos trágicos constatados nas terras itálicas e, até mesmo, atue em uma constante batalha contra a corrupção da *Ordem* nas constantes mudanças promovidas pela Fortuna. O humano, portanto, possui as condições necessárias de imitar os grandes exemplos pretéritos e instaurar ordenações civis que sustentem a *libertà*.

No contexto de manutenção das ordens civis estabelecidas, em que o arbítrio coletivo é mais eficaz do que a vontade de um indivíduo⁴⁵, a dignidade humana apresenta-se na satisfação dos *Umori* e na possibilidade de uma ordenação civil. Assim, nada é mais louvável do que a fundação de uma república ou de um reino; assim também, nada é mais censurável do que a tirania⁴⁶. Mesmo diante das dificuldades propostas pela Fortuna e pelas ambições desmedidas do humano, Machiavelli considera ser possível a *satisfação dos humores* e a realização humana em sua constituição civil. Em todos os regimes políticos há oposições naturais devido aos desejos e aos interesses, destacando-se aqueles que ambicionam dominar e

el libero arbitrio e parte di quella gloria che tocca a noi".

45 A manutenção da *libertà* é cultivada nos *tumulti*, nos quais o arbítrio coletivo é mais sábio e constante do que as decisões individuais de um príncipe. D. I.58. Todavia, deve-se destacar também os meios pelos quais as deliberações civis podem retardar uma ação necessária e, portanto, serem perniciosas a Repúblicas e principados. D. I. 38; D II. 33; IF II. 26; IF II. 30. Até mesmo governos extraordinários podem ser utilizados, com autoridade ditatorial, para salvaguardar a ordem diante de sérias ameaças. “*E però, conchiudendo, dico che quelle republiche, le quali negli urgenti pericoli non hanno rifugio o al Dittatore o a simili autoritadi, sempre ne’ gravi accidenti rovineranno*”. D. I. 34.

46 D.I.10.

aqueles que não desejam ser dominados⁴⁷. A *satisfação dos humores* em Machiavelli perpassa paixões, diversas opiniões pessoais e aspirações coletivas. Embora as tensões sociais sejam contínuas, elas não redundam em facções e divisões⁴⁸. A satisfação dos humores é necessária para estabelecer e manter as ordens civis, sem a qual os conflitos internos não resultam na promoção de um *vivere libero* que conserve a *libertà*, mas em constantes disputas pela posição de comando⁴⁹. Desse modo, a *Virtù* humana, em sua individualidade e coletividade, é capaz de estabelecer uma *civilità* em que os humanos alcancem a glória na efetividade de suas ordenações.

A corrupção, assim, perpassa as escolhas dos indivíduos e das cidades⁵⁰. Ao diminuir a capacidade humana e deteriorar a ordem pública,

47 P. V. As tensões nos novos principados são evidentes e devem ser sanadas imediatamente para evitar que a memória das ordens anteriores inflame a população ou os seus líderes. “*Quando quelli stati che s’acquistano, come è detto, sono consueti a vivere con le loro legge et in libertà, a volerli tenere, ci sono tre modi: el primo, ruinarle; l’altro, andarvi ad abitare personalmente; el terzo, lasciarle vivere con le sua legge, traendone una pensione e creandovi drento uno stato di pochi che te le conservino amiche*”. Internamente, os nobres querem o controle e podem oprimir o povo; a população, em geral, recusa tais desmandos. “*Perché in ogni città si truovano questi dua umori diversi; e nasce da questo, che il populo desidera non essere comandato né oppresso da’ grandi, e li grandi desiderano comandare et opprimere el populo; e da questi dua appetiti diversi nasce nelle città uno de’ tre effetti, o principato o libertà o licenzia*”. P IX. Deve-se fugir ao ódio (P. XIX); preservar os conflitos e evitar as facções (D I. 4; 5); o povo anseia, constantemente, por bem-estar e estar livre do comando de outros (D I.16). Há, assim, um desejo ardente de liberdade no povo em face a um desejo contínuo de domínio pelos poderosos. (D I.40; IF II 12; III, 1; IV.1).

48 Desse modo, os humores auxiliam nas discussões dos melhores regimes políticos para cidades específicas, nas constantes tensões entre aqueles que desejam o controle político – o domínio – e aqueles que não desejam estar submetidos a regimes de espoliação (MÉ-NISSIER, 2002, p. 30).

49 P. IX; XIX; D. I.4; II. 37; III.9; IF III.1, 21; VII. 19. DRSF XXIII-XXIV.

50 Da mesma forma que a agência humana, em todas as suas potencialidades de ordenação civil, possui elementos individuais e coletivos, deve-se assumir que as deteriorações

deve ser combatida veementemente⁵¹. O humano, visto em seus limites e potencialidades, atestando suas próprias fragilidades e as vulnerabilidades das ordens impostas ao tecido social, pode modificar suas circunstâncias mesmo diante da deterioração intrínseca dos regimes políticos, da maligna intervenção da Fortuna ou ainda dos desejos, das paixões e dos apetites humanos pelo poder⁵². As fundações, e os retornos necessários aos princípios norteadores das fundações, são condições históricas específicas por meio das quais as facções humanas devem ser erradicadas e as buscas pela glória podem ser obtidas pelos meios necessários: artifícios retóricos, ritos religiosos, astúcia, força. As ações extraordinárias⁵³, os meios políticos ordinários⁵⁴ e a instauração do convencimento, em muitos momentos pelo

intrínsecas desses resultados obtidos possuem esses dois níveis destacados (PAREL, 1995, pp. 363-390). Se as ações humanas possuem suas raízes nos apetites, inclinações e escolhas humanas, algumas materializações da corrupção também partilham desses princípios. Todavia, a Fortuna e fatores além da agência humana devem sempre ser considerados.

51 A corrupção, portanto, é vista como um limite das potencialidades humanas a ocorrer em qualquer regime político e deve ser combatida com todas as suas forças. Nesse sentido, a imitação dos antigos e a insistência em reinserir a *Virtù* vistas nesses são elementos dessa incessante batalha para a instauração e manutenção das ordens civis (BIGNOTTO, 1991, pp. 205-207).

52 As catástrofes naturais, o imponderável e as eventuais facções criadas pelos apetites pessoais deturbam as ordenações civis, ao mesmo tempo em que propiciam as condições necessárias para o estabelecimento de novas instituições e o cultivo da *Virtù* humana (BENNER, 2009, pp. 16-24; SULLIVAN, 2000, pp. Xooo-xvii).

53 Variados são os exemplos dos humanos de *Virtù*, necessários para o estabelecimento da ordem. Em momentos de gravidade extrema, fraudes, violências e outros atos são necessários para tornar o efetuado aceitável para todas as estratificações da população. P VII; D I,18. Assim, a fundação e a manutenção da ordem civil exigem ações extraordinárias (MÉNISSIER, 2002, pp. 22-24).

54 Embora os atos de persuasão, os debates civis e as ações diplomáticas sejam encorajados no *milieu* e nas obras de Machiavelli, destacam-se também as bases de sustentação dessas práticas ordinárias no exercício do poder, i.e., o processo de ordenação civil mediante suas leis e diretrizes (COX, 2010, pp. 173-190; BENNER, 2009, pp. 25-30). Nesse

temor e em outros pela afabilidade⁵⁵, são destacadas ao longo do corpus de Machiavelli. A *Virtù*, individual e coletiva, instaura a ordem, assim também os meios legais e as condições civis de sua manutenção. O temor pode ser instaurado e instigado pelos ritos religiosos⁵⁶, pelos discursos⁵⁷, ou ainda pela manifestação de força⁵⁸, promovendo a unidade e a obediência civil. A diversidade de meios correlaciona-se com a pluralidade de regimes possíveis, cabendo ao humano de *Virtù* agir de acordo com a Ocasão⁵⁹.

sentido, as relações existentes entre a coerção para a legitimação das leis e suas respectivas efetivações estão enraizadas na força, pois não é possível existir boas ordenações, consequentemente, boas leis onde não exista um bom exército. P XXII. Em uma cidade, devem ser conjugadas as qualidades guerreiras e legislativas (e.g. Rômulo e Numa D. I.9); ou ainda, tais características são vistas conjuntamente em uma pessoa de altíssima *Virtù*, e.g., o personagem bíblico Davi “*Davit, sanza dubbio, fu un uomo, per arme, per dottrina, per giudizio, eccellentissimo*”. D I.19.

55 *Lettera a Piero de Soderini XLI*; P XVIII; D III. 21. Referência direta às análises de Machiavelli a respeito de Aníbal e Cipião, nas quais os modos pelos quais a ordem civil pode ser obtida por diversas formas de convencimento, ora utilizando a força, ora a astúcia; ora o medo, ora o amor.

56 AG I; II; VI; D I. 9-15; II. 29; III. 1. Os modos pelos quais os ritos religiosos infundem o temor, a devoção e a obediência são bastante destacados nos campos de batalha e nos meios de organização política.

57 D II. 15. As concórdias civis, obtidas também no anonimato dos agentes públicos na persuasão da coletividade, possuem grande valia para superar as divisões, as incertezas e as ambiguidades em momentos específicos. Ezio Raimondi. “Machiavelli and the Rhetoric of the Warrior” *MLN* 92.1 (1977): 1-16.

58 As descrições do uso da força em Cesare Bórgia e Castruccio Castracani são suficientes para salientar os modos pelos quais a força pode ser usada para a obtenção ou para a manutenção da ordem – descrita também como condição necessária nos *Discorsi*. P. VII; P XVIII; D I.58; D II.3; D II.31.

59 O apropriado uso dos meios de coerção social para a construção contínua da *libertà* demanda adequações constantes entre as demandas das circunstâncias e os objetivos dos agentes, individuais e coletivos (d’AMICO, 1980, pp. 429-441). A *Virtù*, portanto, recai em agir corretamente de acordo com a necessidade. Há, desse modo, usos ordinários e extraordinários para a obtenção da autoridade necessária para legitimar as ações tomadas

Ao escrutinar os desejos humanos e suas satisfações nos humores sociais e na realização civil, Machiavelli atesta exemplos históricos do comportamento humano a ser imitado devido à *Virtù* verificada no sucesso de suas ações. Desse modo, O humano é apresentado nesses escritos mediante ambivalências, pois evidenciam características negativas, devido aos incessantes desejos irrealizáveis, e também possibilidades positivas, nos concretos meios para a fundação de ordem civil, para a instauração do amor à pátria e para a obtenção da glória. Entre inimizades, traições, simulações, ingratidões e violências, o humano é compreendido em meio às devastadoras ações da Fortuna, mas também por possuir a adequada *Virtù* e ser capaz de força, ambição, vontade de glória e astúcia em constantes combates contra a degeneração e contra a corrupção das ordenações civis. Nesse sentido, as primeiras considerações nutrem divisões sociais e facções que destroem a estabilidade de uma cidade, enfraquecendo-a em seu físico e em seu ânimo; por outro lado, a instauração e a manutenção da ordem promovem as ocasiões adequadas para as valiosas ações humanas. Assim, sem pautar-se em concepções idealizadas da natureza humana, mas enfatizando que os humanos possuem as mesmas características e as mesmas reações em contextos similares desde a Antiguidade, Machiavelli descreve ao longo de suas obras uma série de investigações antropológicas e comportamentais pelas quais expõe o desenvolvimento do seu pensamento político. Ao viver em constates mudanças, em paixões e contradições, o humano deseja mais do que pode obter; das leituras de

(BENNER, 2009, pp. 384-385).

Tito Lívio e da história recente das terras itálicas, constata a existência de dois *Umori* no tecido social que devem ser satisfeitos para a obtenção e para manutenção da ordem. Há, portanto, constantes conflitos nos quais realizações pessoais e coletivas devem ser obtidas. Ademais, se o humano pode obter a glória e não o faz, as divisões civis em facções e os costumes sociais que subjagam as intenções humanas devem ser erradicados. Para tanto, adaptar-se constantemente às situações e às mudanças das circunstâncias mediante imitações da *Virtù* dos antigos costumes é uma necessidade.

Referências Bibliográficas

BENNER, Erica. *Machiavelli's Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

BERRIDGE, G.R. "Machiavelli: human nature, good faith and diplomacy" *Review of International Studies*, Cambridge, v. 27, pp. 539-556, 2001.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.

COX, Virginia. Rhetoric and Ethics in Machiavelli. In: Cambridge Companion to Machiavelli. Ed. John Najemy. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 173-190.

d'AMICO, Jack. Love and Fear In Machiavelli's 'Discorsi'. Il Politico, Soverla Mannelli, v.45, n.3, pp. 429-441, 1980.

GERMINO, DANTE. Machiavelli's Political Anthropology. In: Theorie und Politik: Festschrift zum 70. Geburtstag für Carl Joachim Friedrich. Ed. Klaus von Beyme. Dordrecht: Springer, 1971, pp. 35-60;

GILSON, Étienne. Introduction a L'Étude de Saint Augustin. Paris: Librairie Philosophique J Vrin, 1949.

HARRISON, Simon. Augustine's Way into the Will. New York: Oxford University Press, 2006.

HEBECHE, Luiz. A Guerra de Maquiavel. Ijuí: Inijui, 1988.

HOLMAN, Christopher. Machiavelli's Philosophical Anthropology. The European Legacy: Toward New Paradigms, Cambridge, v.21, n., pp. 769-790, 2016.

HÖRNQVIST, Mikael. Machiavelli and Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

JOUANNA, Jacques. The Legacy of Hippocratic Treatise the Nature of Man: The Theory of the Four Humours. In: Greek Medicine from Hippocrates to Galen. Ed. Philip van der Eijk. Leiden: Brill, 2012, pp. 335-359.

MANSFIELD, Harvey. Machiavelli's New Modes and Orders: A Study of the Discourses on Livy. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

MARITAIN, Jacques. The end of Machiavellianism. The Review of Politics, Cambridge, v.4, n.1, pp. 1-33, 1942.

MÉNISSIER, Thierry. Le Vocabulaire de Machiavel. Paris: Ellipses Marketing, 2002.

MOSSINI, Lanfranco. Necessità e legge nell'opera del Machiavelli. Parma: Giuffrè, 1962.

NESTINGEN, James A. Luther and Erasmus on the Bondage of the Will. In: The Captivation of the Will: Luther vs. Erasmus on Freedom and Bondage. Ed. Steven Paulson. Grand Rapids: William Eerdmans Publishing Company, 2005, pp. 1-22.

PANTELIMON, Cristi e MANU, Beatrice. Machiavelli's Political Anthropology. Review of Contemporary Philosophy, Frankfurt, n. 9, pp. 172-184, 2010.

PAREL, ANTHONY J. Human Motions and Celestial Motions in Machiavelli's Historiography. In: Niccolò Machiavelli: Politico, storico, letterato – Atti del Convegno di Losanna 27-30 settembre 1995. Ed. Jean-Jacques Marchand. Roma: Salerno Editrice, pp. 363-390.

PAREL, Anthony J. The Machiavellian Cosmos. New Haven: Yale University Press, 1992.

PRICE, Russell. The Theme of Gloria in Machiavelli. Renaissance Quarterly, Chicago, v.30, n.4, pp. 588-631, 1977.

SABINE, George. Historia de la Teoria Política. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.

SKINNER, Quentin. Republican Virtues in an Age of Princes. In: Visions of Politics II. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp. 118-159.

SULLIVAN, Vickie. The Comedy and Tragedy of Machiavelli: Essays on the Literary Works. New Haven: Yale University Press, 2000.

VIROLI, Maurizio. *Il Sorriso di Niccolò: Storia di Machiavelli*. Bari: Laterza, 2013.

von VACANO, Diego. *The Art of Power: Machiavelli, Nietzsche, and the Making of Aesthetic Political Theory*. Lanham: Lexington Books, 2007.

WITTE Jr, John. *Between Sanctity and Depravity: Law and Human Nature in Martin Luther's Two Kingdoms*. *Villanova Law Review*, Villanova, v.48, n.3, pp.727-762, 2003.

WYDRA, Harald. *Human Nature and Politics: A mimetic Reading of Crisis and Conflict in the Work of Niccolò Machiavelli*. *Contagion: Journal of Violence, Mimesis and Culture*, Michigan, v.7, pp. 36-57, 2000.

YORAN, Hanan. "Florentine Civic Humanism and the Emergence of Modern Ideology" *History and Theory*, Connecticut, v. 46, pp. 326-344, 2007.

YORAN, Hanan. *Machiavelli's Critique of Humanism and the Ambivalence of Modernity*. *History of Political Thought*, Exeter, n.31, v.2, pp. 247-282, 2010.

Jean Felipe de Assis

ZUCKERT, Catherine. *Machiavelli's Politics*. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

ZUCKERT, Catherine. The Life of Castruccio Castracani: Machiavelli as Literary Artist, Historian, Teacher and Philosopher. *History of Political Thought*, Exeter, v.31, n.4, pp. 577-603, 2010.